

RESUMO - 01. EPISTEMOLOGIAS CRÍTICAS E ENFRENTAMENTOS À
VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA POLÍTICA E NA ACADEMIA| HÍBRIDO

**CORPO COMO TERRITÓRIO: UMA ANÁLISE DO SISTEMA DE
“MULHERES DE CONFORTO” COREANAS (1937-1945)**

Áquila Mylena Faria (mylenafaria7@hotmail.com)

A presente comunicação, se trata de um recorte de uma pesquisa em desenvolvimento. Dessa forma, propomos a realização de um estudo de caso sobre a emergência do sistema de escravização sexual de mulheres feito por e para militares entre 1937 e 1945 durante o processo de colonização da península coreana. Esse crime de guerra ficou conhecido como sistema de “Mulheres de Conforto” e foi orquestrado pelo governo japonês conforme a política imperialista se expandia pela Ásia. O termo “mulheres de conforto” será utilizado entre aspas durante todo o trabalho, pois concordamos que se trata de uma tentativa de suavizar e minimizar a violência envolvida nesse processo em que milhares de mulheres foram raptadas, enganadas e violentadas pelo Estado Imperial Japonês. Assim, partimos da hipótese de que a sistematização da escravidão sexual militar japonesa direcionada as mulheres coreanas denuncia como aquele governo enxergava o sexo feminino por uma ótica patriarcal e colonial; uma vez que coloniza não só os territórios, mas também os corpos considerados inferiores. Dessa forma, a partir da análise da experiência traumática das vítimas do sistema de conforto, buscamos evidenciar como o gênero se apresenta como uma estrutura de poder que se manifesta na esfera social, política e econômica. Também defendemos que a dominação japonesa às vítimas do sistema se estruturou

em pelo menos três eixos, sendo eles a raça, a classe e o gênero e que não enxergou apenas o corpo em um território, mas como extensão da área a ser dominada. Por partirmos do problema de que o corpo sexualizado em uma extensão de terra colonizada denuncia os mecanismos de poder implicados nessa relação, consideramos extremamente importante o conceito de “corpo-território” desenvolvido por Giulia Marchese. Portanto, no que se refere a ocupação japonesa na península coreana e o seu reflexo na vida dos colonos, julgamos necessário refletir sobre a presença desse corpo no espaço de dominação por uma perspectiva interseccional, assim como os deslocamentos de fronteiras realizados para naturalizar brutalidades. Compreendemos que tal conceito aponta que a violência era sexualizada e racializada e que as colonas coreanas foram construídas como um território a serem dominados dentro do sistema de poder capitalista e colonialista. Dessa forma, a violência seria uma estratégia geopolítica dentro desse projeto civilizatório chamado globalização em que se cria uma geopolítica da violência sexual, sendo ela expressada de forma concreta ou pela possibilidade constante. Essa experiência se acumula nos corpos das mulheres que, ao invés de se tornarem um ponto no mapa, se tornam o próprio mapa.

Palavras-chave: escravidão sexual; “mulheres de conforto”; colonização japonesa.